A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

ADRIANA THOMASINI BARROS CASTRO

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo analisar a contribuição das Metodologias Ativas de Aprendizagem no desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando aspectos cognitivos, socioemocionais e comunicacionais. Partindo de uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, discute-se como estratégias pedagógicas centradas na participação ativa do estudante podem favorecer a inclusão escolar, a autonomia e o engajamento do aluno com TEA. A análise indica que as Metodologias Ativas, ao valorizarem a experiência, a mediação pedagógica intencional e a flexibilização curricular, contribuem significativamente para a promoção de aprendizagens significativas e para o desenvolvimento integral desses estudantes no contexto da educação inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias ativas; Educação inclusiva; Transtorno do Espectro Autista; Desenvolvimento do aluno; Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Ensinar na perspectiva da inclusão implica repensar concepções, práticas pedagógicas e expectativas sobre a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, a
escola inclusiva necessita de mudanças concretas no modo de ensinar, ao afirmar que ensinar em tempos de inclusão significa reconhecer que os alunos aprendem de formas diferentes e que o professor precisa adaptar suas estratégias para atender a essa diversidade.

A educação inclusiva pressupõe o reconhecimento da diversidade como elemento constitutivo do processo educativo e a garantia do direito de todos os estudantes à aprendizagem, independentemente de suas diferenças ou necessidades específicas. Nesse sentido, a inclusão não se resume à matrícula do aluno com deficiência na escola regular, mas exige transformações nas práticas pedagógicas, na organização escolar e nas atitudes dos profissionais, de modo a promover a participação, a permanência e o desenvolvimento de todos os alunos.

Conforme aponta Alex Ribeiro Nunes (2015), a educação inclusiva implica compreender o aluno como sujeito de direitos, valorizando suas potencialidades e oferecendo os apoios necessários para que o ensino seja, de fato, acessível e significativo para todos.

Diante dessas demandas, as Metodologias Ativas de Aprendizagem, por meio do uso das tecnologias, emergem como possibilidades pedagógicas relevantes, uma vez que deslocam o foco do ensino transmissivo para práticas que favorecem a participação do aluno, a construção do conhecimento a partir de experiências significativas e a mediação pedagógica intencional. (SMITH, 2008) Assim, este artigo busca refletir sobre como tais metodologias podem contribuir para o desenvolvimento global do aluno com TEA, promovendo inclusão, aprendizagem e autonomia.

O objetivo desse artigo é o de analisar de que maneira as Metodologias Ativas de Aprendizagem contribuem para o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e comunicacional de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), evidenciando seu potencial para promover a inclusão escolar, a autonomia, o engajamento e a aprendizagem significativa no contexto da educação inclusiva.

A pesquisa desenvolveu-se a partir de uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica. Foram consultadas produções acadêmicas nacionais e internacionais, tais como livros, artigos científicos, dissertações e documentos legais, que abordam educação inclusiva, Metodologias Ativas e práticas pedagógicas voltadas ao atendimento de estudantes com TEA. A análise do material seguiu princípios da pesquisa qualitativa, priorizando a interpretação dos dados e identificando as, contribuições e limites das estratégias pedagógicas investigadas no contexto educacional inclusivo (GIL, 2008; MINAYO, 2014).

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O CONTEXTO ESCOLAR

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação e na interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, que se manifestam de forma precoce e variam em intensidade e expressão ao longo da vida (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). A noção de "espectro" refere-se justamente à ampla diversidade de manifestações clínicas e funcionais, indicando que não existe um perfil único de aluno com autismo, mas diferentes formas de perceber, aprender e interagir com o mundo, o que demanda práticas pedagógicas sensíveis à singularidade de cada estudante (ORRÚ, 2016).

No contexto educacional, essa heterogeneidade exige da escola uma compreensão ampliada sobre o desenvolvimento infantil e sobre os modos de aprendizagem que extrapolam os padrões tradicionalmente esperados. Alunos com TEA podem apresentar desde altas habilidades cognitivas até dificuldades significativas de linguagem e autonomia, sendo fundamental que o planejamento pedagógico considere essas singularidades de maneira ética e pedagógica. (KAPLAN; SADOCK, 2017)

Entre as características mais recorrentes observadas no ambiente escolar estão as dificuldades na comunicação verbal e não verbal, limitações na interação social, desafios na compreensão de regras implícitas e explícitas, além de comportamentos repetitivos e resistência a mudanças de rotina. Tais aspectos podem impactar diretamente a participação do aluno nas atividades escolares, especialmente quando o ensino se baseia exclusivamente em práticas transmissivas e pouco flexíveis. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014)

A escola, enquanto espaço social e formativo, desempenha papel central no desenvolvimento do aluno com TEA. Para além do acesso físico à sala de aula, a inclusão pressupõe a garantia de condições efetivas de participação, aprendizagem e desenvolvimento. Isso implica repensar currículos, metodologias, formas de avaliação e, sobretudo, a postura pedagógica frente à diversidade.

Nesse sentido, a educação inclusiva fundamenta-se no princípio de que todos os alunos aprendem, ainda que em tempos, ritmos e formas distintas. Para o aluno com TEA, a previsibilidade do ambiente, a clareza das rotinas, o uso de recursos visuais e a mediação pedagógica intencional são elementos que contribuem para a organização cognitiva e emocional, favorecendo o processo de aprendizagem.

Outro aspecto relevante refere-se às interações sociais no contexto escolar. A escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de habilidades sociais, e o convívio com os pares pode favorecer avanços significativos para o aluno com TEA, desde que mediado adequadamente. Estratégias pedagógicas que incentivam a cooperação, o respeito às diferenças e a construção coletiva do conhecimento são fundamentais para promover relações mais inclusivas.

Além disso, a legislação brasileira assegura o direito à educação inclusiva para estudantes com TEA, reconhecendo-os como público da educação especial na perspectiva inclusiva. Documentos normativos reforçam a necessidade de adaptações razoáveis, atendimento educacional especializado e práticas pedagógicas que garantam o acesso ao currículo comum, sem segregação ou exclusão. Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como direito de todos e prevê o atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) define a Educação Especial como modalidade transversal; a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) orienta a oferta do AEE de forma complementar ou suplementar; o Decreto nº 7.611/2011 regulamenta os serviços de apoio e recursos de acessibilidade; a Lei nº 12.764/2012 reconhece a pessoa com TEA como pessoa com deficiência para fins legais; e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) reafirma a obrigatoriedade de adaptações razoáveis e proíbe práticas excludentes. Complementarmente, a Base Nacional Comum Curri-

cular (BNCC) reforça o compromisso com a equidade e a flexibilização pedagógica, assegurando o direito de aprendizagem de todos os estudantes no contexto da escola regular. Contudo, apesar dos avanços legais, ainda persistem desafios na efetivação da inclusão escolar. A formação inicial e continuada dos professores, muitas vezes, não contempla de forma suficiente o trabalho pedagógico com alunos do espectro autista, o que pode gerar insegurança, práticas pouco eficazes ou até mesmo a exclusão simbólica desses estudantes.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível adotar abordagens pedagógicas que dialoguem com as necessidades do aluno com TEA e, ao mesmo tempo, beneficiem o conjunto da turma. Práticas que valorizam a experiência, a participação ativa, a mediação e a flexibilização curricular mostram-se coerentes com os princípios da educação inclusiva e com a promoção do desenvolvimento integral do aluno.

É nesse movimento que se abrem caminhos para a adoção de Metodologias Ativas de Aprendizagem como estratégias potentes para favorecer a inclusão, a aprendizagem significativa e o desenvolvimento do aluno com TEA.

METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

As Metodologias Ativas de Aprendizagem constituem estratégias pedagógicas que colocam o estudante no centro do processo educativo,

> “favorecendo a aprendizagem por meio do envolvimento direto, reflexivo e participativo do aluno na construção do conhecimento, em oposição a práticas centradas exclusivamente na transmissão de conteúdos” (BACICH; MORAN, 2018, p. 4).

Nessas abordagens, o estudante é compreendido como sujeito do processo educativo, responsável por construir sentidos, levantar hipóteses, investigar problemas e refletir sobre suas próprias aprendizagens.

Do ponto de vista teórico, as Metodologias Ativas dialogam com concepções contemporâneas de aprendizagem que reconhecem o conhecimento como resultado de interações sociais, experiências significativas e mediações pedagógicas intencionais. Entre seus fundamentos destacam-se o protagonismo discente, a aprendizagem baseada em problemas e projetos, o trabalho colaborativo, a contextualização dos conteúdos e a avaliação formativa contínua, compreendida como parte integrante do processo educativo. (BACICH; MORAN, 2018).

O protagonismo do aluno é um dos pilares centrais dessas metodologias. Ele pressupõe que o estudante participe ativamente das decisões relacionadas ao seu percurso de aprendizagem, assumindo responsabilidades, fazendo escolhas e refletindo sobre os caminhos percorridos. Essa perspectiva desloca o aluno da posição passiva para uma postura investigativa, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da autorregulação da aprendizagem.

Outro princípio relevante refere-se à contextualização dos conteúdos. As Metodologias Ativas propõem situações de aprendizagem ancoradas em problemas reais ou simulados, projetos interdisciplinares e desafios significativos, aproximando o conhecimento escolar das experiências vividas pelos alunos. Essa contextualização contribui para tornar a aprendizagem mais significativa, pois permite que o estudante compreenda a função social dos conteúdos e estabeleça relações entre teoria e prática.

A aprendizagem baseada em problemas e projetos destaca-se como uma das estratégias mais recorrentes no campo das Metodologias Ativas. Nessa abordagem, o conhecimento é construído a partir da investigação de situações-problema que exigem levantamento de hipóteses, busca de informações, experimentação e tomada de decisões. O foco desloca-se do resultado final para o processo, valorizando o percurso de aprendizagem e o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais.

O trabalho colaborativo também ocupa lugar central nesse conjunto de metodologias. Ao aprender em interação com os pares, os alunos têm a oportunidade de compartilhar ideias, confrontar pontos de vista, negociar significados e construir conhecimentos de

forma coletiva. Essa dinâmica favorece não apenas a aprendizagem dos conteúdos curriculares, mas também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como cooperação, empatia, comunicação e respeito à diversidade.

No âmbito das Metodologias Ativas, o papel do professor passa por uma ressignificação importante. O docente deixa de ser o único transmissor do conhecimento para assumir a função de mediador do processo de aprendizagem. Cabe a ele planejar situações didáticas desafiadoras, organizar o ambiente de aprendizagem, orientar os estudantes, propor intervenções oportunas e acompanhar continuamente o desenvolvimento dos alunos. A mediação pedagógica, nesse sentido, exige intencionalidade, sensibilidade às diferenças e capacidade de adaptação às necessidades do grupo.

A avaliação, nas Metodologias Ativas, também assume uma perspectiva formativa e processual. Mais do que mensurar resultados finais, busca-se acompanhar o percurso do aluno, identificando avanços, dificuldades e potencialidades. Instrumentos como observação sistemática, portfólios, autoavaliação e registros reflexivos permitem ao professor compreender como o aluno aprende e ajustar as estratégias pedagógicas de forma contínua.

Outro aspecto fundamental refere-se à flexibilização curricular. As Metodologias Ativas possibilitam diferentes percursos de aprendizagem, respeitando ritmos, estilos e interesses dos estudantes. Essa flexibilidade é especialmente relevante em contextos de educação inclusiva, pois amplia as possibilidades de acesso ao currículo comum e favorece a participação do aluno.

CONTRIBUIÇÕES DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM TEA

A aplicação das Metodologias Ativas no contexto da educação inclusiva pode trazer contribuições significativas para o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente no que se refere ao aumento do engajamento, da motivação e da participação no processo de ensino e aprendizagem. Isso ocorre porque tais metodologias se fundamentam em princípios que rompem com a lógica tradicional do ensino centrado na transmissão de conteúdos, priorizando a participação ativa do estudante, a contextualização dos saberes e a construção significativa do conhecimento (BACICH; MORAN, 2018).

Para alunos com TEA, que frequentemente enfrentam dificuldades em ambientes escolares pouco flexíveis e excessivamente abstratos, essas características tornam-se essenciais para garantir o acesso efetivo ao currículo comum.

As Metodologias Ativas privilegiam situações de aprendizagem concretas, contextualizadas e significativas, nas quais o estudante é convidado a mobilizar experiências, interesses e conhecimentos prévios. Essa abordagem favorece a compreensão dos conteúdos e a permanência nas atividades propostas, uma vez que o aluno passa a perceber sentido e funcionalidade no que aprende (MORAN, 2015). No caso dos alunos com TEA, esse aspecto é particularmente relevante, pois a aprendizagem tende a ser mais efetiva quando os conteúdos estão relacionados a situações reais, previsíveis e organizadas, reduzindo a ansiedade e ampliando o envolvimento com as tarefas escolares (CAMARGO; BOSA, 2009).

Além disso, estratégias próprias das Metodologias Ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, a resolução de problemas e o uso de recursos visuais, tecnológicos e manipuláveis, contribuem para tornar o processo de aprendizagem mais acessível e inclusivo. O uso de imagens, esquemas, objetos concretos e tecnologias digitais auxilia na organização do pensamento e na compreensão de conceitos, especialmente para alunos com TEA que apresentam estilos de aprendizagem predominantemente visuais (ORRÚ, 2016). Tais recursos também favorecem a previsibilidade das atividades, elemento fundamental para a segurança emocional e a participação ativa desses estudantes.

Outro ponto de destaque refere-se ao desenvolvimento da comunicação e da interação social. Embora muitos alunos com TEA apresentem desafios nessas áreas, as Metodologias Ativas, quando planejadas de forma intencional, possibilitam a criação de situações mediadas de interação, respeitan-

do o ritmo e as especificidades de cada estudante. Atividades realizadas em pequenos grupos, com papéis definidos e objetivos claros, favorecem a construção de vínculos, o exercício da escuta e a ampliação das trocas comunicativas, ainda que de maneira gradual (ORRÚ, 2016). Nesse sentido, o trabalho colaborativo não deve ser compreendido como uma exigência homogênea, mas como uma oportunidade de interação estruturada e mediada, capaz de promover o desenvolvimento socioemocional do aluno com TEA.

As Metodologias Ativas também se destacam por contribuírem para a promoção da autonomia. Ao estimular o aluno a tomar decisões, resolver problemas, planejar ações e participar ativamente das tarefas, essas abordagens favorecem o desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e do senso de autoria sobre o próprio processo de aprendizagem (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015). Para o aluno com TEA, tais experiências são fundamentais, pois ampliam sua participação não apenas no contexto escolar, mas também nos espaços sociais mais amplos, fortalecendo sua independência e protagonismo.

No entanto, embora as Metodologias Ativas valorizem o protagonismo do aluno, o papel do professor permanece central no processo educativo. Cabe ao docente planejar, adaptar e mediar as atividades, considerando as necessidades específicas do aluno com TEA e garantindo a acessibilidade pedagógica. Conforme destacam Bacich e Moran (2018), a adoção de metodologias centradas no aluno exige do professor uma postura reflexiva, domínio teórico e sensibilidade pedagógica, de modo a evitar práticas improvisadas ou descontextualizadas que possam comprometer o processo inclusivo.

A mediação pedagógica, nesse contexto, envolve a organização do ambiente de aprendizagem, a clareza das instruções, o uso de rotinas estruturadas, a antecipação das atividades e a avaliação formativa contínua. Tais elementos são fundamentais para garantir a participação do aluno com TEA, reduzindo barreiras atitudinais, pedagógicas e comunicacionais (BRASIL, 2008). Além disso, a articulação entre o professor da sala comum e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) contribui para a construção de estratégias pedagógicas mais consistentes e alinhadas às necessidades do estudante.

Dessa forma, é importante destacar que as Metodologias Ativas não se configuram como receitas prontas ou modelos universais a serem aplicados de forma homogênea. Trata-se de abordagens pedagógicas que exigem intencionalidade, reflexão crítica e formação docente contínua, especialmente no contexto da educação inclusiva. Sua efetividade está diretamente relacionada à capacidade da escola de reconhecer a diversidade como princípio educativo e de promover práticas pedagógicas flexíveis, colaborativas e comprometidas com o direito à aprendizagem de todos os estudantes (MORAN, 2015).

Em síntese, a literatura analisada evidencia que as Metodologias Ativas, quando aplicadas de forma planejada e mediada, constituem importantes aliadas na promoção da inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Ao favorecerem o engajamento, a aprendizagem significativa, a interação social e a autonomia, essas metodologias contribuem para a construção de práticas pedagógicas mais equitativas, humanas e alinhadas aos princípios da educação inclusiva, reafirmando o papel da escola como espaço de aprendizagem, participação e desenvolvimento integral.

METODOLOGIAS ATIVAS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ATIVIDADES PEDAGÓGICAS E TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

No contexto da educação inclusiva, especialmente no trabalho com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as metodologias ativas favorecem a adaptação das práticas pedagógicas às formas singulares de aprender desses estudantes, respeitando seus ritmos, interesses e modos de interação.

Entre as atividades que podem ser desenvolvidas com metodologias ativas para alunos com TEA, destaca-se a aprendizagem baseada em projetos, que permite ao aluno investigar temas significativos e produzir resultados concretos. Para alunos com TEA, essa abordagem deve ser estruturada em etapas claras, com apoio visual, objetivos bem definidos e mediação constante do professor,

reduzindo a ansiedade e favorecendo a previsibilidade, aspecto essencial para esse público (SMITH, 2008).

Outra prática relevante é a aprendizagem baseada em problemas, que propõe situações desafiadoras do cotidiano escolar. Conforme Valente (2014), essa metodologia contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia do aluno. No caso de estudantes com TEA, os problemas devem estar relacionados a situações funcionais, como organização da rotina, convivência social ou comunicação, sendo acompanhados de pistas visuais, perguntas mediadoras e intervenções individualizadas, respeitando as necessidades do aluno e promovendo sua participação ativa.

As atividades colaborativas, quando bem planejadas, também podem ser desenvolvidas com alunos com TEA por meio das metodologias ativas. Jogos pedagógicos, trabalhos em duplas ou pequenos grupos e atividades mediadas favorecem a interação social e a comunicação, áreas centrais de desenvolvimento para esses estudantes. Segundo Smith (2008), a inclusão efetiva não ocorre pela simples presença do aluno na sala regular, mas pela criação de condições pedagógicas que possibilitem sua participação real. Assim, o professor deve assumir o papel de mediador, organizando papéis, antecipando regras e utilizando recursos como roteiros sociais e combinados visuais.

Nesse contexto, o uso de tecnologias assistivas torna-se um importante aliado das metodologias ativas. As tecnologias assistivas compreendem recursos e estratégias que ampliam a funcionalidade e a autonomia de pessoas com deficiência, promovendo acesso ao currículo e participação social (BRASIL, 2008). Para alunos com TEA, destacam-se os recursos de comunicação alternativa e aumentativa, como pranchas de comunicação, pictogramas e aplicativos digitais, que auxiliam na expressão de necessidades, sentimentos e ideias, especialmente quando há comprometimento da linguagem oral (SMITH, 2008).

Além disso, o uso de tablets, softwares educativos interativos, jogos digitais adaptados e quadros digitais favorece a aprendizagem ativa, pois estimula a exploração sensorial e o engajamento do aluno. Valente (2014) aponta que as tecnologias digitais, quando utilizadas de forma pedagógica, ampliam as possibilidades de interação e construção do conhecimento. Para alunos com TEA, aplicativos de organização da rotina, agendas visuais digitais e temporizadores também contribuem para a estruturação do tempo e das atividades, reduzindo comportamentos de desorganização e ansiedade.

É importante destacar que as tecnologias assistivas não se restringem aos recursos digitais. Materiais de baixo custo, como cartões com imagens, histórias sociais, jogos concretos, calendários visuais e materiais manipuláveis, também desempenham papel fundamental na mediação da aprendizagem. Conforme Nunes (2015), a educação inclusiva exige práticas flexíveis e criativas, que considerem as potencialidades dos alunos e ofereçam os apoios necessários para sua participação efetiva.

Mais do que adaptar conteúdos, trata-se de repensar o ensino a partir da diversidade, promovendo equidade, participação e desenvolvimento integral, conforme preconiza a educação inclusiva contemporânea (BRASIL, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, que consistiu em analisar de que maneira as Metodologias Ativas de Aprendizagem contribuem para o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e comunicacional de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), evidenciando seu potencial para promover a inclusão escolar, a autonomia, o engajamento e a aprendizagem significativa no contexto da educação inclusiva, a partir de uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, foi possível chegar a considerações finais que reforçam a relevância do tema e apontam caminhos importantes para a prática pedagógica contemporânea. A análise dos estudos e documentos consultados permitiu compreender que as Metodologias Ativas não se configuram apenas como estratégias didáticas inovadoras, mas como uma mudança paradigmática na forma de conceber o processo de ensino e aprendizagem, especialmente quando se trata da

escolarização de estudantes público-alvo da Educação Especial.

Os resultados da pesquisa indicam que as Metodologias Ativas de Aprendizagem podem contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento do aluno com TEA, sobretudo por promoverem situações de aprendizagem que valorizam a participação ativa, a experiência concreta, a contextualização dos conteúdos e o protagonismo do estudante. Tais características são especialmente relevantes no contexto da educação inclusiva, uma vez que muitos alunos com TEA apresentam dificuldades na comunicação, na interação social e na adaptação a modelos pedagógicos rígidos e excessivamente abstratos. Ao romper com a lógica tradicional do ensino centrado na transmissão de conteúdos, as Metodologias Ativas ampliam as possibilidades de acesso ao conhecimento, favorecendo a compreensão dos conceitos e a permanência do aluno nas atividades escolares.

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo, observa-se que as Metodologias Ativas possibilitam a construção de aprendizagens mais significativas, uma vez que os conteúdos passam a ser apresentados de forma funcional, contextualizada e articulada aos interesses e às vivências dos estudantes. Estratégias como a aprendizagem baseada em projetos, a resolução de problemas e o uso de recursos visuais e tecnológicos contribuem para tornar o processo de aprendizagem mais acessível aos alunos com TEA, respeitando seus ritmos, estilos de aprendizagem e necessidades específicas. Dessa forma, a aprendizagem deixa de ser um processo passivo e passa a assumir um caráter investigativo e experiencial, favorecendo a compreensão e a aplicação do conhecimento em diferentes contextos.

No campo do desenvolvimento socioemocional e comunicacional, as Metodologias Ativas também se mostram promissoras, uma vez que incentivam o trabalho colaborativo, a interação entre pares e a construção coletiva do conhecimento. Ainda que as interações sociais possam representar um desafio para muitos alunos com TEA, práticas pedagógicas mediadas, estruturadas e intencionalmente planejadas possibilitam a ampliação gradual dessas interações, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas e emocionais. Nesse sentido, o papel do professor como mediador do processo de aprendizagem torna-se central, sendo fundamental a criação de ambientes seguros, previsíveis e acolhedores, que respeitem as singularidades dos estudantes e favoreçam sua participação ativa.

Outro aspecto relevante evidenciado pela pesquisa refere-se ao fortalecimento da autonomia do aluno com TEA. As Metodologias Ativas, ao estimularem a tomada de decisões, a resolução de problemas e o protagonismo discente, contribuem para o desenvolvimento da autoconfiança e do senso de autoria do estudante sobre seu próprio processo de aprendizagem (MORAN, 2015).

Ao serem convidados a participar das decisões sobre o próprio processo de aprendizagem, a realizar escolhas, a resolver problemas e a assumir responsabilidades, os estudantes passam a desenvolver maior senso de autoria e autoconfiança. As Metodologias Ativas, ao reconhecerem o aluno como sujeito do processo educativo, contribuem para a construção de trajetórias escolares mais significativas e menos marcadas pela dependência excessiva de mediações adultas, o que está em consonância com os princípios da educação inclusiva e com o direito ao desenvolvimento integral.

Entretanto, a pesquisa também evidencia que a efetividade das Metodologias Ativas no contexto da educação inclusiva não ocorre de forma automática. Sua implementação exige planejamento pedagógico cuidadoso, conhecimento teórico por parte dos docentes, formação continuada e articulação entre os diferentes profissionais da escola, incluindo professores da sala comum, professores do Atendimento Educacional Especializado e equipes pedagógicas. Além disso, faz-se necessária uma postura ética e comprometida com o direito à aprendizagem de todos os estudantes, evitando práticas que, embora inovadoras em sua forma, possam reproduzir exclusões ou desconsiderar as necessidades específicas dos alunos com TEA.

Outro ponto a ser destacado refere-se à importância da flexibilização curricular como

princípio indissociável das Metodologias Ativas no contexto inclusivo. Garantir o acesso ao currículo comum não significa oferecer o mesmo percurso de aprendizagem para todos, mas sim assegurar que cada estudante tenha oportunidades reais de aprender, a partir de adaptações razoáveis, recursos de acessibilidade e estratégias pedagógicas diversificadas. Nesse sentido, as Metodologias Ativas se apresentam como importantes aliadas na construção de currículos mais flexíveis, responsivos e alinhados à diversidade presente nas salas de aula contemporâneas. Além disso, a flexibilização curricular emerge como elemento indissociável da aplicação das Metodologias Ativas no contexto da inclusão escolar. Garantir o acesso ao currículo comum não implica oferecer percursos homogêneos, mas assegurar que cada estudante tenha oportunidades reais de aprendizagem por meio de adaptações razoáveis, recursos de acessibilidade e estratégias pedagógicas diversificadas, conforme preconizam os documentos normativos da educação inclusiva no Brasil (BRASIL, 2008; BRASIL, 2015). Nesse sentido, as Metodologias Ativas apresentam-se como importantes aliadas na construção de currículos mais flexíveis, responsivos e sensíveis à diversidade presente nas salas de aula.

Por fim, reconhece-se que este estudo, por se tratar de uma pesquisa de natureza bibliográfica, apresenta limitações quanto à análise de práticas concretas em contextos escolares específicos. Dessa forma, ressalta-se a importância de futuras pesquisas empíricas que investiguem a aplicação das Metodologias Ativas junto a alunos com TEA em diferentes etapas da Educação Básica, analisando seus impactos, desafios e possibilidades a partir da realidade das escolas. Tais investigações podem contribuir significativamente para o aprimoramento das práticas pedagógicas inclusivas e para a consolidação de uma escola que reconheça a diversidade como princípio educativo e não como obstáculo ao processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 25, n. 1, p. 65–74, 2009. Disponível em Scielo https://www.scielo.br/j/psoc/a/KT7rrhL5bNPqXyLsq3KKSgR/?format=html&lang=pt. Acesso 28 jan 2026.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAPLAN, Harold I.; SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A. Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MITTLER, P. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso, 2018.

NUNES, Alex Ribeiro. Educação inclusiva: teoria e prática. São Paulo: Sagah, 2015.

ORRÚ, S. E. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

SMITH, Deborah Deutsch. Introdução à educação especial: ensinar em tempos de inclusão. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
VALENTE, José Armando. Tecnologias e educação a distância no ensino superior. Campinas: Papirus, 2014.